

Esquizofrenizam a Nação

ESTADO DE SÃO PAULO

17 MAI 1990

MAURO CHAVES



Será que para diminuir o Estado é preciso agigantar o governo? Será que para fortalecer a economia de mercado é necessário intervir ao máximo na economia e no

mercado? Eis aí interrogações fundamentais que pululam nas cabeças perplexas dos cidadãos brasileiros, que a cada santo dia vão descobrindo, ao contrário de Pirandello, que assim não é, se lhe parece. Porque em dois meses o governo Collor parece ter conseguido a proeza de revogar o filosófico "princípio de identidade", segundo o qual uma coisa não pode ser e deixar de ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.

Já antes de assumir a pasta da Economia, a ministra Zélia iniciou seu alardeado "choque de credibilidade" jurando na véspera que não haveria o que haveria: o feriado bancário. Dessa maneira inaugurou o instrumento de política econômica que poderia ser designado por **petalismo**, fundado na

patranha, lampana ou potoca oficial. De lá para cá muitas outras "credibilidades" têm sido devidamente chocadas, tais como a tirada da roupa para expurgo do inconveniente índice de inflação — no que o governo, para variar, voltou atrás.

Antes de ser editado este pacote de maio, que mexeu com conta remunerada (liquidando-a), com cartões de crédito, com transferência de titularidade (taxando-a) e até inventou um absurdo imposto para quem vai pagar imposto com o próprio dinheiro — no que o governo, para variar, também acabou voltando atrás —, o presidente do Banco Central, sr. Eris, só faltou jurar de pés juntos que apenas os bancos seriam atingidos pelas novas medidas. Como se percebeu, os bolsos dos cidadãos foram confundidos com caixas eletrônicas, pois as medidas destinadas a só enxugar a liquidez bancária atingiram-nos em cheio.

Além disso, depois de regular ao extremo a vida dos cidadãos, tomando conta de seu capital por um ano e meio (tomar!), estabelecendo rigidamente quem merece e quem não merece usar o próprio dinheiro para estas ou aquelas fi-

nalidades, criando um formulário azul do Imposto de Renda que é uma verdadeira máquina de endoidecer — e que é inconstitucional, pois a Constituição proíbe a prática da **tortura** (Art.5º, III) —, depois de tudo isso o governo anuncia solenemente a criação de seu Programa Federal de Desregulamentação, que tem por objetivo expresso "facilitar a vida dos cidadãos".

A sociedade brasileira entrou no angustiante compasso do "o-que-se-rá-que-se-á?". Não sabe ao certo se o que é é mesmo, ou deixa de ser. Não sabe se o honesto é poupar ou gastar — pois ambos os comportamentos implicam punição. Não sabe se é bom trabalhar muito ou pouco, pois no momento em que se tem uma segunda atividade, uma segunda fonte de rendimentos, cai-se automaticamente na câmara de tortura do formulário azul.

Aparentemente, o escoamento de um produto numa loja significa um benefício para os que nela trabalham e investem, para a indústria que fabricou o produto — e

**O governo
sufoca o
cidadão com
medidas
e correções**

seus respectivos trabalhadores e investidores —, assim como para toda a cadeia de fornecedores de insumo, embalagens, transporte, com seus respectivos trabalhadores e investidores. Então, a compra de um produto numa loja deveria ser um ato positivo, benéfico, moral. Mas o governo conseguiu introduzir tamanho sentimento de culpa nos compradores que, hoje em dia, no Brasil, quem sucumbe aos apelos irresistíveis de uma vitrine se sente mais ou menos como Adão e Eva se sentiram logo depois de comida a maçã. Consumir — e gerar empregos — virou pecado mortal, criminoso boicote ao Plano Brasil Novo.

O governo ocupa todos os espaços, sufoca os cidadãos com medidas e correções (frequentemente erradas) de medidas, faz e desfaz, deixa todos em estado de permanente sobressalto, enquanto faz profissão de fé na plena liberdade de iniciativa. Submetida a uma espécie de reflexo condicionado, operado ao ritmo de um samba do crioulo doido, em que leva "choques" para qualquer lado que vá, a Nação é **esquizofrenizada**.

Mauro Chaves é editorialista do Estado e comentarista político da Rádio Eldorado